



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

KECIA SONALY ARAÚJO VIEIRA

**A FORMAÇÃO DOCENTE: A RELEVÂNCIA DOS ESTÁGIOS
SUPERVISIONADOS EM GEOGRAFIA ATRAVÉS DA AUTORREFLEXÃO DA
VIVÊNCIA DE DESAFIOS**

Campina Grande – PB
2017

KECIA SONALY ARAÚJO VIEIRA

**A FORMAÇÃO DOCENTE: A RELEVÂNCIA DOS ESTÁGIOS
SUPERVISIONADOS EM GEOGRAFIA ATRAVÉS DA AUTORREFLEXÃO DA
VIVÊNCIA DE DESAFIOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias

Campina Grande – PB
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V657f Vieira, Kecia Sonaly Araujo.
A formação docente [manuscrito] : a relevância dos estágios supervisionados em geografia através da autorreflexão da vivência de desafios / Kecia Sonaly Araujo Vieira. - 2017.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Angélica Mara de Lima Dias, Departamento de Geografia - CEDUC."

1. Formação docente. 2. Prática docente. 3. Estágio supervisionado.

21. ed. CDD 371.12

KECIA SONALY ARAÚJO VIEIRA

**A FORMAÇÃO DOCENTE: A RELEVÂNCIA DOS ESTÁGIOS
SUPERVISIONADOS EM GEOGRAFIA ATRAVÉS DA AUTORREFLEXÃO DA
VIVÊNCIA DE DESAFIOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em
Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para obtenção do
Grau de Licenciado em Geografia.

Aprovado em 18 de dezembro 2017.

BANCA EXAMINADORA

Angélica Mara de Lima Dias

Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias
Orientadora

Juliana Nóbrega de Almeida

Prof.^a Ms. Juliana Nóbrega de Almeida
Examinadora Externa

Valéria Raquel Porto de Lima

Prof.^a Dr.^a Valéria Raquel Porto Lima
Examinadora

Dedico a minha avó *Rita Maria da Conceição* (*in memoriam*) que estaria feliz ao me ver alcançando esse objetivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a *Deus*, por me conceder a sabedoria necessária para a minha formação e desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço aos *meus pais*, que sempre se esforçaram para tornar minha graduação possível e a minha *família* em especial as minhas *Tias Maria Célia e Marisete Vieira*, por serem incentivadoras e acreditarem em meu potencial.

Ao meu namorado, *Rafael Garcia*, pelo apoio, paciência e carinho.

Aos *amigos*, que contribuíram com palavras motivadoras e companheirismo, em especial a *Jenifer Sara Pachu, Christianne Ribeiro Cabral e Felipe Alves*.

Aos queridos *colegas do Curso de Geografia*, aos quais compartilhamos bons e maus momentos.

A todos os *professores do Curso de Geografia da UEPB*, que contribuíram para a construção dos saberes geográficos.

A minha orientadora *Prof^a Angélica Mara*, a qual admiro e tenho gratidão por ter sido paciente e prestativa para a conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	9
2- O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA.....	10
2.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PROFISSÃO DOCENTE.....	10
2.2 DESAFIOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA.....	14
3- O PROCESSO INTRÍSECO DE CONHECIMENTO E AUTOCONHECIMENTO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL ATRAVÉS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E PRÁTICA DOCENTE.....	17
3.1 MEMÓRIAS DA VIDA ESCOLAR: DA EDUCAÇÃO BÁSICA À ESCOLHA DA PROFISSÃO.....	17
3.2 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM GEOGRAFIA.....	20
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

RESUMO

ARAÚJO, K. S.V. A formação docente: a relevância dos estágios supervisionados em geografia através da autorreflexão da vivência de desafios. *Artigo científico (Graduação)*. Curso de Licenciatura Plena em Geografia Departamento de Geografia. Campus I – Campina Grande. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande-PB: UEPB, 2017. 28p.

O objetivo deste estudo é analisar os desafios encontrados nos Estágios Supervisionados e destacar sua importância na formação docente do professor de Geografia. Esse momento constitui-se como elo entre a educação superior e a educação básica, assim como, um elo entre a teoria e a prática. Ao permitir a aproximação do licenciando com a realidade escolar, as vivências desenvolvidas nesse espaço, permitem ao mesmo, o desenvolvimento de habilidades necessárias à própria profissão, suas implicações à prática docente podem ser positivas ou negativas, porém necessárias. Com esse objetivo, a pesquisa é embasada nos estudos de autores que são referências e corroboram sobre a importância dos Estágios Supervisionados na formação inicial docente de forma geral e especificamente na prática docente em Geografia e tem como método de pesquisa a narrativa autobiográfica como dispositivo de análise e reflexão sobre como se constrói a identidade docente, através do resgate de memórias, que possam ser analisadas em suas implicações e relevâncias. Nesse processo o sujeito é o autor do empírico, o narrador e protagonista principal. O resultado obtido através das narrativas das vivências reafirma a importância e a complexidade dos Estágios Supervisionados, que não devem ser considerados como um mero componente curricular proposto pelas Instituições de Ensino Superior, mas com um campo de conhecimento que permite trabalhar aspectos que contribuem para a formação do professor em Geografia. Conclui-se que os Estágios Supervisionados, são momentos de suma importância para a construção profissional dos professores de Geografia

Palavras chave: Estágios Supervisionados. Formação Inicial. Prática docente.

1- INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado apresenta-se como um componente curricular importante para a formação docente, pois é o momento em que aproxima o licenciando com o *locus* de sua profissão, neste caso, a escola. É neste espaço, através das observações e vivências, que são desenvolvidas as habilidades e saberes da profissão. Os seus fundamentos teóricos e práticos, permitem as descobertas de caminhos para superação dos desafios e a formação de professores que possam contribuir no processo de ensino e aprendizagem. O Estágio deve ser visto e vivenciado como um elo entre teoria-prática e universidade-escola básica, garantindo assim experiência profissional e o aprimoramento de novas metodologias e didáticas para o ensino de Geografia na educação básica.

O presente trabalho, “A formação docente: a relevância dos estágios supervisionados em geografia através da autorreflexão da vivência de desafios” tem por objetivo central analisar os desafios vivenciados nos Estágios Supervisionados em Geografia I, II, III e IV da Universidade Estadual da Paraíba, bem como suas contribuições na perspectiva de destacar sua importância na formação docente do professor de Geografia, que tem sido debatida hoje em larga escala, tendo a necessidade de ser compreendida a partir de particularidades e coletividades, do *ser* professor, considerando suas experiências pessoais, educacionais e profissionais, em diferentes contextos ao longa da vida (MENDES e SILVA, 2015).

Este trabalho tem a narrativa autobiográfica como procedimento metodológico, baseando-se em Santos (2012), Portugal (2015), Silva e Mendes (2015), Rosa (2016), entre outros, que corroboram em seus estudos sobre a autobiografia como dispositivo relevante de pesquisa, permitindo ao professor em formação, compartilhar saberes, experiências, vivências e práticas, tendo como embasamento um referencial teórico-metodológico, que permite a reflexão sobre a sua identidade docente e foi descrito em caráter qualitativo para interpretação e análise do objeto de estudo.

É inerente ao ser humano analisar o passado e suas implicações no presente a fim de almejar o futuro. Esse tipo de comportamento é natural, porém ao refletir sobre si, e resgatar as memórias relevantes, se torna indispensável a autorreflexão que simultaneamente nos permite a compreensão de nós mesmos como sujeitos responsáveis pelas circunstâncias vivenciais. São os acontecimentos da vida, que cada um traz consigo, que determinam sua personalidade e saberes. Com isso, as narrativas permitem que o sujeito resgate as memórias relevantes de situações que contribuíram para a composição do seu *eu*. Nesse contexto:

A lembrança remete o sujeito a observar numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significativa, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências (SOUZA, 2007, p. 63).

Narrar é exprimir experiências particulares, é refletir sobre o que construímos e qual significado atribuímos a isso. Ao resgatar memórias, conseguimos filtrar aquilo que pode ser dito e o que deve permanecer em irrelevância. Mas é esse processo que permite que o indivíduo seja a personagem principal. Nesse aspecto:

[...] o autor será aqui compreendido como a pessoa que está na origem do ato de escrita e é por ele responsável. Nas narrativas autobiográficas, a pessoa que escreve é, ao mesmo tempo, o autor empírico do texto, o narrador e o protagonista do enredo da história (PASSEGGI e CUNHA, 2013 *apud* BAHIA, 2017, p.186).

Ao mesmo tempo em que o sujeito tenta organizar as ideias as quais considera relevantes para seu relato, o mesmo reconstrói sua experiência de forma reflexiva, fazendo uma autoanálise, que lhe proporciona novas bases de compreensão de sua própria prática.

Esta pesquisa autobiográfica, teve início com o embasamento teórico proveniente de pesquisas bibliográficas existentes, que abordavam a importância do Estágio Supervisionado e a prática docente de Geografia e a própria experiência vivida nos componentes de Estágio Supervisionado do curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. Está organizada em duas partes, no qual os primeiros tópicos subdivididos correspondem a discussão teórica, em que contextualizo a importância dos Estágios Supervisionados para a formação inicial e a prática docente; e a segunda parte em que apresento minha experiência de estágio, e reflito sobre o processo de formação que englobam desde minhas vivências na escola básica, meu ingresso na universidade, a prática dos Estágios Supervisionados em Geografia e, por conseguinte a minha recente prática docente como professora de Geografia da educação básica.

2- O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

2.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PROFISSÃO DOCENTE

Os Estágios Supervisionados são de competência das IES (Instituições de Educação Superior) e têm as escolas básicas de ensino como apoio a efetivação da prática. Nas licenciaturas, o estágio é proposto como componente curricular obrigatório, sendo um eixo de importante ligação entre teoria e prática.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da educação básica são constituídas com atribuição federal, as mesmas são exercidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e da Lei nº 9.131/95, que o instituiu. As Diretrizes para a formação em licenciatura plena foram criadas pelas resoluções 01 do CNE, de 18 de fevereiro do ano

de 2002, e as instituições de carga horária dos cursos de licenciatura estão previstas na resolução 02 do CNE, de 19 de fevereiro de 2002, sendo de duas mil e oitocentas horas nas quais a articulação teoria-prática seja garantida nos projetos pedagógicos.

As Diretrizes são resultado de diversos debates realizados por meio de audiências públicas com a presença da sociedade e do meio acadêmico, nas quais estiveram presentes representantes do Conselho Nacional dos Secretários Estaduais da Educação, Fórum dos Conselhos Estaduais, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Associação Nacional de Formação dos Profissionais de Educação e demais órgãos voltados a educação conforme está escrito no Parecer CNE/CP 9/2001 (BRASIL, 2001, *apud* LEÃO, 2013).

Vicente Leão (2013) ao discutir sobre os cursos de Geografia e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, afirma que “o objetivo principal desse parecer, é determinar novos parâmetros referentes a formação de professores no Brasil e assegurar uma nova legislação para as licenciaturas, permitindo-lhes qualidades próprias quando comparadas ao bacharelado” (p.16). Dessa forma, as Diretrizes Curriculares Nacionais, se intitulam como normas obrigatórias a serem cumpridas com o intuito de melhorar a organização e orientação do planejamento curricular das escolas básicas e das instituições superiores, possibilitando melhorias em seus sistemas de ensino e na formação inicial docente.

Os Estágios Supervisionados apresentam-se como uma oportunidade para que o licenciando possa entrar em contato direto e espacial com a realidade profissional, realidade esta que engloba problemas e desafios, advindos da própria profissão docente, portanto o aluno tende a desenvolver suas competências e habilidades necessárias para que atue positivamente no âmbito da mesma. O Estágio é mais do que um simples componente na grade curricular, ele pode ser visto e vivido como um momento de fundamental importância na formação profissional, tornando-se um momento no qual possibilita a vivência de tudo que foi aprendido dentro das IES.

Analiso os Estágios Supervisionados enquanto formação inicial, como mecanismos de construção de saberes docentes, habilidades, aptidão e discernimento para superar os desafios existentes no cotidiano escolar, pois é nesse momento que o estagiário, desenvolve sua vivência de modo a refletir sobre como articular a teoria aprendida na academia com as necessidades da escola básica.

Os Estágios podem ser compreendidos também como interação entre instituição superior e escola básica, na qual acontece a troca de saberes necessária para melhor

compreensão do espaço escolar pelo licenciando e, por conseguinte, suas propostas de melhorias para os pontos negativos encontrados pelo mesmo, bem como o aprimoramento dos pontos positivos diante da realidade encontrada. Os mesmos devem ser realizados com comprometimento em prol da mudança social, efetivando o crescimento profissional e pessoal, visando à responsabilidade individual e social na construção do saber e na promoção do conhecimento, em que professores e alunos devem ser responsáveis e participantes. Segundo Francineila Santos (2012, p. 37):

É imperativo que os cursos de licenciatura desenvolvam nos futuros docentes conhecimentos e habilidades, estabelecendo um vínculo com o contexto institucional e social em que se inserem, promovendo uma pesquisa no estágio que possibilite tal processo.

Sendo assim, compreendo a escola básica como um rico campo de pesquisa para os estagiários, pois nela há diversas situações e adversidades que os incitam para desenvolver uma postura de possível transformador do espaço e da realidade, que deve ser feita de forma crítica e reflexiva.

A prática de ensino nos estágios deve assimilar as reflexões e discussões metodológicas e permitir o conhecimento espacial em relação à escola, assim o estagiário deveria participar dos vários momentos que ocorrem durante o ano letivo, como planejamentos, reuniões, conselhos de classe, mesmo que ele não possa intervir nesses acontecimentos, mas sua participação ajudaria na compreensão do que acontece na escola básica, e isso contribuiria na sua atuação futura como professor. Contudo, como o tempo de permanência dos estagiários na escola não é relativo a tudo que acontece na mesma, muitas situações acabam não sendo vivenciadas, analisadas e aprendidas. Reflito que deveria acontecer uma maior interação entre a universidade-educação básica, bem como entre professor e estagiário, que pudesse contribuir para que o licenciando participasse de forma mais ativa na dinâmica escolar.

De acordo com os pensamentos expostos das autoras Pimenta e Lima (2005) e Santos (2012) considero que as vivências e diversas situações encontradas durante os Estágios Supervisionados, contribuem para a formação da identidade do professor da educação básica, pois o licenciando tende a desenvolver suas habilidades, de se tornar reflexivo em suas ações e crítico às problemáticas do ambiente escolar, bem como a dualidade existente entre teoria e prática.

O maior desafio para os acadêmicos dos cursos de licenciatura plena é pôr em prática todo o conhecimento que foi adquirido durante os anos de graduação, de acordo

com as necessidades dos alunos da escola básica, por isso se faz necessário uma aproximação maior do estagiário com a escola. Na graduação, muitos dos licenciandos não têm experiência com a sala de aula e muitos ainda têm dúvidas de se irão seguir à profissão ou não, se atentando apenas a conclusão do curso para o recebimento do diploma.

Esses desafios e dúvidas surgem a partir dos primeiros Estágios, mas se atenuam quando se dá início à regência, na qual os graduandos passam a atuar em sala de aula com o apoio do professor da educação básica. A preocupação de como pôr em prática todo o conteúdo retido, é decorrente da expectativa gerada em torno dessa vivência, na qual diversos sentimentos se fazem presentes, como a timidez, a insegurança, o fato de saber que seu proceder em sala está sendo julgado pelo professor observador e pelos alunos, a perspectiva de ministrar aulas dinâmicas para os mesmos, que sempre esperam algo novo com a presença dos estagiários. Muitos desses licenciandos encaram esses fatores como um desafio de superação e aprimoramento de suas habilidades e se empenham para realizar os Estágios e para se tornarem bons profissionais diante de suas dificuldades, porém, esses mesmos fatores desencadeiam frustrações referentes a prática docente e a realidade escolar, fazendo com que os mesmos sintam-se desmotivados e desistam de atuar futuramente como profissionais da educação, seguindo no Estágio, apenas para conclusão do curso, sendo feito apenas por obrigação.

São as vivências e atividades desenvolvidas no âmbito escolar, que reafirmam os Estágios Supervisionados como um componente curricular complexo, porém de suma importância na formação inicial e prática docente. Os desafios provenientes dos Estágios, enquanto campo de pesquisa e suas implicações à prática do Ensino de Geografia serão abordados no próximo sub tópico.

2.2 DESAFIOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA

Nos cursos de licenciatura, as disciplinas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado são de suma importância para contribuição e formação do futuro professor, pois preparam e auxiliam os estagiários. Estes se fazem conscientes sobre a dicotomia existente entre teoria e prática que permanece presa a formação inicial docente. As vivências dos estagiários são repletas de situações típicas do aprendizado da profissão.

A falta de preocupação com os objetivos de ensino que devem ser analisados e propostos de acordo com o nível escolar dos alunos e quais metodologias se aplicariam a esse contexto é uma delas. A inexperiência contribui para que os licenciandos, não se atentem a forma como os conteúdos devem ser abordados em cada série e qual metodologia seria necessária de acordo com a idade e perfil comportamental de cada turma.

Segundo Abreu (2013, p. 91) “a expectativa desses alunos é que chegado o momento do estágio supervisionado, agora sim vai aprender! Na prática!”. Essa afirmativa, porém, acentua o embate entre teoria x prática. Contudo, o exercício de qualquer profissão é prático, pois se trata de aprender a fazer algo mediante alguma ação, a profissão de professor também é prática, sendo comum ouvir de alunos que recém terminaram seus cursos de graduação, de que a profissão de fato se aprende na prática, ou que na prática a teoria é outra. Segundo Pimenta (2012, p. 33):

No cerne dessa afirmação popular, está a constatação, no caso da formação de professores, de que o curso nem fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática.

A formação inicial docente permanece presa à dicotomia teoria-prática, sendo frequentemente estudada e discutida em produções científicas e acadêmicas. Alguns cursos de licenciatura fundamentam-se na epistemologia da técnica, compreendendo teoria de um lado e prática de outro, ou seja, disciplinas pedagógicas em detrimento das teóricas, que são as científicas. Francineila Santos (2012, p. 38) afirma que “tudo isso perpassa por uma visão tradicional ainda vigente, de que a teoria serve apenas para auxiliar no entendimento da realidade e a prática é sua aplicação”. A autora defende que é necessário compreendermos que a teoria e a prática são de naturezas distintas, mas ambas se interagem constantemente.

Na licenciatura em Geografia essa dicotomia perdura. Segundo Souza (2013) a construção dos saberes geográficos é proveniente das aulas teóricas da academia, em que as práticas mediadoras como pesquisa, leitura e seminário são citadas como importantes nesse processo. Em contrapartida, os saberes práticos da profissão são de fato desenvolvidos nos Estágios Supervisionados. Sobre a formação do professor de Geografia para atuar na Educação Básica, Vanilton Souza (2013, p.106) ainda acrescenta:

[...] o estágio é atividade importante para a formação do professor de Geografia e considera-se que ele é o momento em que são criadas as condições que possibilitam ao estagiário o contato com as práticas profissionais docentes em locais onde estejam estruturadas as condições para o exercício da profissão.

No Estágio Supervisionado em Geografia, o licenciando é inserido no ambiente escolar, analisando como se constitui a Geografia escolar através da perspectiva de contribuir na aprendizagem dos alunos através da compreensão dos mesmos em relação aos objetivos de estudo da ciência geográfica. O ensino da Geografia na prática, assim como os demais componentes curriculares, deve analisar as críticas que são feitas atualmente à instituição escola, reconhecendo-a no contexto político social e econômico do mundo e do nosso próprio país.

Em cada instituição de ensino existe uma dinâmica social e espacial, políticas pedagógicas de ensino e todo um controle disciplinar baseado em seu próprio PPP (Plano Político Pedagógico). Muitas escolas estabelecem planos oficiais com a definição pronta dos conteúdos, a fim de obter uma homogeneidade e talvez a garantia de uma qualidade de ensino, contudo não se deve desprezar as sugestões ou alternativas feitas por cada professor, pois através disso, podem ser criadas novas metodologias.

O repensar do ensino de Geografia, depende muito das condições de cada professor, que muitas vezes são precárias, partindo de sua própria formação acadêmica, que não o prepara totalmente para vivenciar a prática docente, as condições de trabalho e de salários e a falta de embasamento teórico tanto da Geografia como da educação em geral. O modelo educacional vem sendo organizado para se adequar em todas as escolas, mas não há uma consideração das contradições existentes na sociedade e da diversidade social e cultural presentes em níveis regionais. Segundo Callai (2001, p. 135):

O que se quer hoje, e a sociedade exige da escola, é uma educação que desenvolva o raciocínio lógico, a criticidade, a instrumentalização para usar coerentemente o conhecimento, a capacidade de pensar e especialmente de poder construir o pensamento com autoria própria.

A questão a ser pensada é o que se pretende com a escola, assim como, com o ensino de Geografia. Neste sentido, o professor deverá sugerir o estudo que seja conseqüente para seus alunos, no qual as experiências concretas deverão estar interligadas dentro do que é repassado em sala, pois o que é vivenciado pelo aluno é

expresso no seu espaço cotidiano. Um dos desafios nos Estágios Supervisionados é justamente essa falta de aptidão para organizar os conteúdos nas diversas séries do ensino e percepção na forma de como a estruturação dos conhecimentos presentes em livros e textos está vinculada com a realidade estudada e vivenciada pelos alunos.

Ao professor de Geografia é atribuída a função de educador, baseando-se em sua hegemonia cultural e ideológica e espera-se que o mesmo apresente aptidão para organizar os conteúdos nas diversas séries do ensino e percepção na forma de como a estruturação do conhecimento presentes em livros e textos está vinculada com a realidade estudada.

O grande desafio é tornar esses conteúdos e estudos mais concretos e mais reais, promovendo um elo entre o saber científico e o saber do aluno. Nesta perspectiva espera-se que o aluno deixe de ser visto e tratado como mero expectador, do que acontece e passe a ser participante e atuante em sala de aula.

Segundo Callai (2001, p. 145) “as aulas devem ser de forma que os alunos possam desafiar, engajar-se e questionar o que lhes é proposto, a partir da forma e da substância do processo de aprendizagem”. A mudança que se exige para a educação é dinâmica, pois o mundo se encontra globalizado e esse fenômeno é sentido em todos os aspectos, afetando as vidas de todos os homens e nos diversos lugares. As possibilidades possíveis para que a Geografia propicie um ensino voltado à cidadania, parte da perspectiva de como devem ser as aulas e os conteúdos, e as mudanças que esperamos promover nos alunos, repensando as metodologias ou práticas pedagógicas. Segundo Kaercher (2006, p, 223):

Devemos não apenas renovar, mas ir além, romper a visão cristalizada e monótona da Geografia como a ciência que descreve a natureza e/ou dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares. Devemos fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço, na constituição de sua individualidade e da (s) sociedade (s) de que ele faz parte.

A profissão docente é complexa, os saberes exigidos para a mesma, não são prontos e moldados, aprendem-se com a teoria nas nossas vivências acadêmicas, principalmente com os Estágios Supervisionados, e com a prática, pois é nela que se cobra e desafia a desempenhar da maneira categórica o nosso papel como professor de Geografia.

3- O PROCESSO INTRÍSECO DE CONHECIMENTO E AUTOCONHECIMENTO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL ATRAVÉS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E PRÁTICA DOCENTE

3.1 MEMÓRIAS DA VIDA ESCOLAR: DA EDUCAÇÃO BÁSICA À ESCOLHA DA PROFISSÃO

Com base na narrativa autobiográfica como metodologia de pesquisa, resgato memórias que considero relevantes com reflexão sobre as mesmas e suas implicações na minha formação docente. Recordo-me da minha infância, a alegria em ir à escola, das vivências da educação básica lembro-me com carinho e agradecimento da minha mãe e do meu pai, ambos analfabetos, como incentivadores no meu processo de estudo, pois me fizeram perceber a importância de aprender a ler e a escrever, já que os mesmos não tiveram essa oportunidade. Com o esforço dos dois, consegui estudar do infantil ao Fundamental II em escolas particulares. Me tornei atenciosa em observar o mundo nos nossos movimentos migratórios, me competia ler os nomes das ruas, os bairros, os transportes, entre outras situações subjacentes, que me colocaram em contato com os primeiros saberes geográficos de localização, lugar e espaço, mesmo sem ainda ter plena noção e estudo aprofundado dos mesmos e graças a eles tive o incentivo necessário para prosseguir com todas as etapas de estudos.

No Ensino Fundamental II, o elo entre um único professor detentor de todos os saberes, foi desfeito. Não existiria mais a “Tia”, que era acolhedora, atenta, carinhosa, que brincava e era amiga. No novo contexto seriam novos professores, um para cada componente curricular, cada qual com uma personalidade, um modo diferente de se sobressair na transmissão dos conteúdos, com metodologias individuais e que estreitavam a relação de professor e aluno, os novos horários das aulas, a inserção do toque como aviso das trocas das mesmas, o novo ritmo de estudo, que demandava mais concentração e responsabilidade nas realizações de atividades e cumprimento do prazo estabelecido para a entrega das mesmas, a difícil socialização com os alunos de classe social elevada compuseram situações novas, as quais foram habitadas no decorrer do tempo/espaço letivo.

Sobre o se tornar professor, tal decisão veio a ser analisada, com o meu ingresso no Ensino Médio. Após as habituações anteriores, o avanço gradativo de série já não me atemorizava, contudo, a transição da escola particular para a rede pública de ensino me inquietava. Os comentários sobre a precarização de ensino e a falta de estrutura da

escola pública já eram disseminados. As críticas feitas à escola pública, perduram, contudo, Sousa, (2013, p.113) esclarece que: “a escola tem se tornado uma outra instituição educativa onde se desenvolve uma série de outras atividades (recorrentemente denominadas projetos de ensino) e muitas delas são acrescidas às atividades de sala de aula”.

Infelizmente, não havia a implementação das novas propostas de ensino na minha época estudantil, a responsabilidade de criar novas metodologias de ensino e aprendizagem, mediante as precariedades como a falta de espaço físico, salas de estudos, bibliotecas, acervo midiático, mapas, ficavam por conta dos professores, que se viam reclusos ao uso do quadro negro e dependentes do livro didático. Alguns professores em detrimento a essa situação, criaram alternativas como a elaboração de apostilas, que ficavam a disposição para serem xerocadas nas pastas criadas pelos mesmos, em uma copiadora, localizada nas proximidades do anexo da escola.

Analiso essa desenvoltura como resultante da formação dos mesmos, no qual se assemelha com o ato praticado na academia, de xerocar partes ou conteúdo total de obras científicas que se faz necessário ao estudo teórico. Reflito que de forma presumida, já estávamos sendo preparados por alguns, para as futuras vivências da formação universitária. Alguns professores incitavam a construção de um novo futuro, reconheciam nossas capacidades de transformar o espaço social e regatavam aquele questionamento habitual da infância: “o que você vai ser quando crescer? ”. Respondia-lhes afirmando que eu queria uma formação profissional superior, em consequência da vontade de mudar de *status quo*, em respeito à realidade financeira dos meus pais, que sempre se esforçaram para que o necessário não me faltasse e que sempre me encorajaram a seguir em frente, apesar de todas adversidades encontradas no caminho.

Pela admiração a minha mãe, que me ensinava mesmo sem prover de habilidades, as experiências de auxílio à realização das atividades escolares dos meus primos em suas séries iniciais e, por conseguinte a inspiração dos meus professores decidi prestar vestibular para a Universidade Estadual da Paraíba, para o curso de Licenciatura Plena em Geografia, fazendo uso das atribuições das cotas para alunos de escolas públicas e consegui o ingresso na segunda chamada no ano de 2011.

Ao ingressar na academia, me deparei com professores que apresentavam posturas diferentes dos da escola básica e se sobressaiam nas transmissões e abordagem de conteúdo em sala, promulgando a iniciativa da pesquisa científica na docência, a fim de construir os saberes geográficos. Os níveis das aulas eram diferentes para mim, que

ainda estava presa ao modelo educacional da escola básica. A quietude da sala, a concentração dos educandos e principalmente o embasamento teórico dos professores, que transpareciam tranquilidade e domínio à abordagem dos mesmos, me surpreendia e fez com que eu refletisse sobre a diferença existente entre os dois lugares: escola básica e a instituição de ensino superior.

A dificuldade maior, foi relacionar os saberes geográficos aprendidos na escola básica, com os novos saberes científicos, que muitas vezes me levaram ao questionamento de por que eram tão diferentes daquela antiga Geografia, que aprendi a gostar, com essa nova Geografia, que se apresentava superior: mais específica, bem estruturada, profunda, científica, analítica e crítica e, por conseguinte assustadora! O ambiente inóspito promoveu a autoavaliação, me fazendo chegar à conclusão de que, eu não sabia nada de Geografia, pois as novas abordagens geográficas, perpassavam o sentido de falta, me fazendo refletir sobre o porquê de não ter ouvido falar disso na escola.

Levando a reflexão do sentimento de culpa que se instaurava, ao pensar que eu poderia ter falhado como aluna na educação básica, já que havia aprendido pouco, ou se isso era em decorrência dos professores que não ensinaram muito. Contudo, os novos professores, através de suas metodologias diferenciadas e dinâmica espacial da universidade, me fizeram gradativamente preencher as lacunas, superar o medo e me permitir aprender com o novo, mediante as oportunidades ofertadas para o meu crescimento profissional.

Segundo Godoi e Saiki (2007, p. 29) “para nos tornarmos professores, precisamos construir conhecimento profissional, que não é algo pronto e que podemos compreender apenas estudando a experiência dos outros”. Analiso que as vivências escolares, as contribuições positivas e negativas de meus professores da escola básica e os ensinamentos do estudo superior, foram substanciais para adquirir o conhecimento prévio e científico da Geografia. Reflito, porém, que tais dificuldades encontradas na construção desse *saber*, possam ser reflexo hoje em minha formação e prática docente.

O primeiro ano curso foi envolvente e empolgante, porém o segundo e os demais, foram conturbados. Mesmo a universidade sendo pública, comecei a ter despesas subjacentes, então tentei exercer alguma atividade remunerada para prover o meu próprio sustento, portanto ingressei no mercado de trabalho. A minha primeira experiência profissional, como auxiliar de sala na educação infantil pelo curto período de seis meses, me permitiu contemplar o processo de alfabetização, me fazendo admirar

ainda mais a importância social do professor. Por ser em turno oposto ao do curso, não senti nenhuma interferência em minha formação, contudo migrei para o comércio, exercendo a função de operadora de caixa, em uma rede de farmácia, que perdurou um ano e seis meses.

A jornada de trabalho comum do comércio e serviço e as normas internas da empresa, começaram a atrapalhar a minha formação docente, pois inibia a minha participação às palestras, eventos, minicursos, monitorias, programas de iniciação à pesquisa e as aulas de campo. Todas as solicitações como: mudanças de folgas e escalas de trabalho foram negadas. Vanilton Souza (2013) elenca em seu estudo sobre a formação docente algumas dificuldades enfrentadas pelos licenciandos e uma delas corresponde ao não cumprimento de atividades curriculares devido ao exercício de atividades remuneradas pelos mesmos, em prol de atender as suas necessidades básicas.

Mantive o foco nos estudos e na minha formação, apesar dessa adversidade, porém o cansaço acumulativo, refletia-se no meu rendimento acadêmico e a desmotivação maior veio com a notícia intitulada: greve. Durante a vivência desse período no anseio da retomada às aulas, pude refletir sobre a importância da minha formação docente e de como eu queria ter a profissão de professora. Nesse anseio, mediante apoio de meus pais, renunciei ao vínculo empregatício para dedicação a graduação. Nos anos finais da graduação, voltei a trabalhar, mas agora exercendo a função de professora como tanto desejava e os Estágios Supervisionados foram de suma importância nessa realização.

3.2 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DO LICENCIANDO EM GEOGRAFIA

Com o término da greve retornei à academia, ansiosa para vivenciar os Estágios, na perspectiva de analisar como seria o meu desempenho nos mesmos e se de fato, eu teria as competências e habilidades necessárias para o *ser* professora.

O Estágio Supervisionado em Geografia I da UEPB proporciona ao licenciando uma discussão teórico-metodológica acerca do Estágio na educação básica, com reflexão sobre a relação teoria e prática no ensino de Geografia, elaboração de projetos, planejamento e procedimentos metodológicos para o ensino fundamental de Geografia, segundo sua ementa.

Este momento de reingresso à escola como estagiária para observação, me permitiu uma aproximação com o futuro ambiente de trabalho e aconteceu na E.E.E.F.M Félix Araújo em Campina Grande, em parceria com a universidade. Nessa vivência, pude observar e analisar a dinâmica escolar, agora com os olhos críticos de uma futura profissional da educação, como era ministrado o ensino de Geografia e refleti sobre a dicotomia teoria prática.

Confesso, que ao analisar a realidade escolar, fiquei assustada e desmotivada. Durante a graduação era comum, ouvir as críticas à escola e relatos sobre os desafios da profissão, porém no primeiro Estágio, pude perceber a complexidade da profissão, salas lotadas, pouca infraestrutura, falta de material pedagógico, alunos dispersos e as precariedades observadas muitas vezes me levou ao desânimo, porém não cheguei a pensar na desistência de seguir a profissão, pois almejava pelos outros Estágios e de como lidaria com a resolução dos novos desafios e de como seria a regência, porém tive medo.

Para Santos (2012, p. 77) “a inserção do estagiário na escola, muitas vezes faz com que se sinta desanimado, inseguro e com medo ao se deparar com a realidade de sala de aula”. Contudo, analiso tais sentimentos como inerentes a formação docente, e foi a graças aos Estágios que pude controlá-los.

O Estágio Supervisionado em Geografia II da UEPB, permite a vivência da realidade escolar, o desenvolvimento de procedimentos metodológicos e o planejamento de atividades de intervenção no ensino fundamental de Geografia. Este segundo momento decorreu na mesma escola do Estágio Supervisionado I, o que contribuiu, pois eu já havia feito a análise da espacialidade, dinamicidade e perfil comportamental de suas turmas e pude pensar, ainda com insegurança em como desempenhar a minha regência diante das precariedades que já haviam sido observadas.

Passei os anos iniciais do curso me preparando na teoria, porém não conseguia colocar em prática o que tinha sido aprendido, mesmo já tendo trabalhado na perspectiva de como organizar o conteúdo, não consegui fazê-lo. Não cabia a mim a escolha do que eu iria ensinar, esta foi determinada pela professora, com o intuito dar prosseguimento com a sua sequência de aulas e elencou o que eu deveria trabalhar em sala.

Com isso, comecei a elaborar os planos de aula como aprendido na academia, e tentei realizá-los mediante o calendário que teria de ser cumprido. Na primeira aula, o nervosismo aflorou, apesar de ter me preparado mentalmente, fiquei com receio de não

saber transmitir o conhecimento, e principalmente de algum aluno fazer alguma pergunta que eu não soubesse responder, porém os mesmos permaneciam dispersos, da mesma forma quando os observei no primeiro Estágio e eles afirmavam que não gostavam de Geografia e só contribuíam para o desenvolvimento de minha aula, mediante a presença da própria professora que se esforçava em conjunto comigo para contê-los. Sobre a complexidade em ministrar os conteúdos escolares, Souza (2013) afirma:

É complexo para o estagiário lidar com os conteúdos escolares por diversos motivos: primeiro, porque nos seus estágios, eles têm dificuldades de reconhecer quais são os conteúdos e as informações capazes de desenvolver as noções espaciais dos alunos da educação básica; segundo porque a maneira pela qual o conhecimento se organiza no mundo acadêmico é bastante diferente das informações necessárias para os escolares; terceiro porque os conteúdos ainda são o ponto de partida para se operar no processo de construção de conhecimento (p. 109).

Nesta segunda vivência, outra dificuldade, foi em relação ao cumprimento do cronograma do Estágio, que sofreu alterações mediante a própria dinâmica da escola: reunião de pais, feriados, semana de provas, jogos escolares. Em decorrência disso, me senti desestimulada, pois encurtava o tempo de permanência na escola e a interação com a mesma e com os alunos, bem como, comprometia a aprendizagem prática. Reflito sobre a importância desse momento inicial e de contato com a prática, porém me entristeço ao lembrar que o mesmo não aconteceu mediante as expectativas geradas sobre a regência, tendo sido realizado de maneira insatisfatória, pois fiquei impactada negativamente, com medo de que eu não tivesse e não conseguisse desenvolver as aptidões necessárias, porém foi importante e hoje reflito que essas dificuldades foram importantes, pois me aproximaram ainda mais com a realidade prática da profissão.

No Estágio Supervisionado em Geografia III da UEPB, da continuidade à discussão teórico-metodológica acerca do Estágio na educação básica, a reflexão sobre a relação teoria e prática no ensino de Geografia e propicia o planejamento e procedimentos metodológicos para o ensino médio de Geografia. Neste terceiro momento, agora como observadora da realidade educacional do Ensino Médio, pude contemplá-la com um olhar mais crítico e investigativo e com esperanças de que a regência futura fosse mais animadora. Este foi desenvolvido no mesmo espaço escolar anterior, contudo sob a avaliação de um novo professor, que possuía um bom domínio de turma e conteúdo. Ao dialogar com o mesmo sobre a profissão e os desafios da formação docente, ele associou que o muito que sabia, provinha do exercício de sua

prática docente e das situações vivenciadas em sala de aula. Seu discurso de que as adversidades são superadas na prática me motivou a prosseguir e novamente resgatar a reflexão de qual professora eu poderia ser. O perfil comportamental da turma observada diferia das anteriores, creio que pela própria faixa etária, apesar de alguns diálogos alheios ao conteúdo geográfico, as aulas decorriam de forma tranquila, com a participação efetiva de boa parte da turma no processo de ensino e aprendizagem.

O Estágio Supervisionado em Geografia IV da UEPB, propicia a continuidade da vivência da realidade escolar, o estudo de procedimentos metodológicos para o ensino e o planejamento de atividades e intervenção no ensino médio de Geografia. Este considero como o momento de responsabilidade maior, pois era o último em que me preparava para a prática docente e promovia o desenvolvimento da regência no Ensino Médio. Foi realizado em na E.E.E.F.M Itan Pereira, classificada como referência no ensino público da cidade de Campina Grande, PB.

A estrutura da escola diferia da antiga, as salas eram mais organizadas e o perfil comportamental e as posturas dos alunos também se sobressaíam, pois, estes eram organizados desde do entrar, ao se locomover no espaço escolar, eram silenciosos e educados, demonstravam respeito pelo professor ao invés de medo, e afirmaram, que começaram a gostar da Geografia através dele.

Nesse primeiro contato, me veio a reflexão de que aquele poderia ser o momento que afastaria toda a impressão negativa dos outros Estágios. Elaborei os planos de aula atentando a nova realidade, e me senti na obrigação de pesquisar mais, para não comprometer o processo de ensino aos quais os alunos já estavam acostumados, mesmo reconhecendo as minhas limitações decorrentes dos Estágios anteriores e ainda falta de prática, que contribuía para a insegurança, ainda não tão bem contida. Porém, a regência foi calma, ao perceber que os alunos estavam atentos, pude me sentir segura de ministrar o conteúdo, os mesmos participaram com suas contribuições, que dinamizavam a aula e me aproximavam com a realidade e a expectativa de uma boa aula, no decorrer dos encontros, despertando em mim a confiança e autonomia. Apresentei slides, trabalhei músicas para interpretação geográfica e isso foi bem aceito pelos alunos, que participaram efetivamente desse processo de construção de saberes práticos em detrimento aos outros dos Estágios anteriores.

Classifico esse o último Estágio como o melhor, não por não ter vivido dificuldades, mas pela comparação que o mesmo pode me propiciar em relação aos outros, promovendo uma reflexão sobre os pontos positivos e negativos de cada um e

por ter me transmitido um sentimento de realização como estagiária, por ter conseguido elevar minha autoestima e o desejo de seguir a profissão e tentar ser uma boa professora, ciente das dificuldades da mesma

Reflico sobre os desafios dos Estágios numa forma geral e suas implicações a minha prática docente, elencando os mesmos em uma sequência. 1- A dificuldade inicial em transmitir o conhecimento teórico; 2- a falta de práticas pedagógicas; 3- a realidade escolar que muitas vezes me desestimulou; 4- desinteresse e desatenção dos alunos; 5- a locomoção de uma cidade para outra; 6- pouca carga horária decorrente da dinâmica escolar que interferiu nos cronogramas de aula.

Após concluir os Estágios Supervisionados, consegui dá início a prática docente como professora de Geografia na Rede Estadual de Ensino através de contrato, que já perdura por dois anos. Esse momento me permitiu vivenciar de fato a prática e tem contribuído para o meu crescimento profissional. Iniciei minha experiência como professora de Geografia do Ensino Médio, que foi favorável, talvez em decorrência da confiança que adquiri nos últimos Estágios e agora realizo minha prática docente no Ensino Fundamental II, no qual tenho passado por dificuldades que me fazem refletir sobre possíveis falhas na minha formação inicial e implicações decorrentes dos desafios dos primeiros Estágios que me impactaram negativamente.

Vivenciei algumas dificuldades referentes a elaboração dos primeiros planos de cursos, aos quais não sabia fazer, pois diferiam dos planos de aula e tive que aprender nas disciplinas de Prática de Pedagógica em Geografia I e II, ao uso e preenchimento do diário de classe - ao qual também tive que aprender na prática, já que nos Estágios não possibilitaram aberturas para que isso fosse demonstrado pelo professor da educação básica. Tive inicialmente as mesmas dificuldades do Estágio, em ministrar minhas aulas em turmas com quantidade numerosa de alunos, em que o barulho decorrente da inquietação dos mesmos atrapalhava e me vi como aquela professora que me auxiliou, me esforçando para contê-los, contudo busquei a utilização de metodologias que ajudassem a despertar o interesse dos mesmos.

Outras dificuldades provêm da própria prática, como a elaboração de atividades avaliativas, em que eu pudesse em conjunto avaliar o meu desempenho como professora; a participação e criação de projetos desenvolvidos na própria escola, aos quais não sabia como desenvolver; elaboração de pautas para reunião com os pais; conselho de classe. Sobre os processos que influenciam na formação docente Santos (2012, p. 76) afirma “a identidade docente é instituída pela dinâmica de saberes e

fazerem mediante um processo que coexistem aspectos contínuos: administrativos, técnicos, vivenciais, científicos, didáticos, etc., relacionados à construção da prática docente”.

Nos momentos de adversidades da prática docente quis culpar a escola, os alunos, o próprio sistema educacional, os pais dos alunos, contudo, comecei a refletir que era um conjunto de fatores que influenciavam nas mesmas. Comecei a analisar a minha prática, refletir sobre eu mesma, sobre as lacunas da minha formação, e a inexperiência que podia estar sendo transpassada para os alunos. Atualmente, no decorrer da prática, tenho aprendido a superar algumas implicações negativas do Estágio e tenho tentado construir o conhecimento junto aos alunos, quebrando a imagem do professor como o detentor de saberes, e nessa perspectiva tentamos construir o conhecimento em conjunto, bem como poder ser respeitada e não temida. Souza (2013) corrobora com este pensamento ao afirmar que não se concebe mais o professor como o “todo poderoso”, mas cabe ao mesmo o exercício da autoridade dialogada, que respeite as diferenças dos alunos e que os encante em seu processo de construção do conhecimento. Na minha prática docente pude contemplar algumas turmas com o estudo de campo e reflito da importância das aulas de campo na escola básica, pois ao terem contato direto com o meio, os educandos conseguem assimilar os conteúdos e desenvolver suas próprias análises e conceitos. Sobre isto, Silva (2011, p. 226) ressalta:

[...] o professor de Geografia deve identificar como os alunos interagem com seus conteúdos, levando em conta que portam experiências sobre as coisas do mundo e, portanto, buscam encontrar alguma vinculação entre o que está sendo ministrado e a vida que pulsa nos seus cotidianos.

É no viver das situações cotidianas que dou continuidade ao desenvolvimento da capacidade cognitiva de reflexão e aprendizado aprendida inicialmente nos Estágios. Tenho ministrado aulas melhores, sem aquele nervosismo que perdurava no início da prática, tentando fazer a aproximação necessária entre conteúdo e realidade do aluno, superando os desafios sofridos nos Estágios, fazendo usos dos recursos didáticos que a escola dispõe na perspectiva de dinamizar as aulas.

Enquanto professora, comecei com medo, inexperiente e imatura, desprovida de outros saberes práticos, que estão sendo adquiridos na prática e tenho passado por transformações na perspectiva de ser contribuinte no processo de formação do cidadão, de conquistar respeito dos alunos e de ser admirada por eles, bem como admirei todos os meus.

Hoje reflito sobre os Estágios Supervisionados, como a oportunidade que tive, em conhecer a realidade da profissão, em adquirir experiências e práticas prévias e que mesmo os desafios e adversidades encontrados no caminho da formação docente, foram fundamentais para minha formação profissional. Cada licenciando vivenciará os Estágios Supervisionados em Geografia à sua maneira, enfrentando desafios iguais ou parecidos, decorrentes de seu próprio desempenho na formação inicial e é isso que os tornam complexos e imprescindíveis na construção do *ser* professor.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo neste artigo que os Estágios Supervisionados são propostos como componentes obrigatórios das IES e tem a escola básica como campo de pesquisa, possibilitando a prática como uma oportunidade para que o licenciando possa entrar em contato direto e espacial com a realidade profissional.

Destaco que os Estágios Supervisionados são compreendidos como elo entre Universidade - Escola Básica, teoria - prática permitindo o licenciando analisar as duas realidades e vivenciar os desafios provenientes desse contexto, que reafirmam o Estágio como um componente curricular complexo, contudo importante na formação inicial e prática docente. As dificuldades apresentadas, decorrentes na formação inicial e nos Estágios, podem influenciar no *ser* professor. Porém mesmo apresentando possíveis lacunas e não correspondendo as grandes expectativas dos licenciandos, é através deles que tudo se torna possível.

Através desta pesquisa, foi possível compreender que o estudo da prática docente em Geografia se faz necessário e tem sido abordado por meio de estudos científicos de autores que corroboram sobre o tema e que a pesquisa autobiográfica para ser escrita precisa de significativa autorreflexão, portanto, todas as vivências, por mais simplórias que aparentem, tem seus significados e cada uma faz parte da construção da identidade docente. Reflito que os desafios encontrados, me fizeram conquistar melhor postura em sala de aula, organização didática, autonomia e confiança. Acredito que os Estágios propostos pela UEPB, poderiam promulgar a elaboração de projetos, com temas geográficos ou transversais, com o intuito de colaborar com a escola básica e fazer com que o estagiário passe mais tempo no ambiente escolar e possa contribuir com o processo de ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

ARAÚJO, K. S.V. THE TEACHER TRAINING: THE RELEVANCE OF THE STAGES SUPERVISED IN GEOGRAPHY THROUGH SELF-TRAINING OF THE CHALLENGE LIVING. Scientific article (Undergraduate). Full Degree in Geography Department of Geography. Campus I - Campina Grande. State University of Paraíba. Campina Grande-PB: UEPB, 2017. 28p.

The objective of this study is to analyze the challenges encountered in Supervised Internships and to highlight their importance in geography teacher's training. This moment constitutes a link between higher and basic education, as well as a link between theory and practice. By allowing the graduation student's approaching to the school reality, the experiences lived in this space offers him a skills' development necessary for his own profession, and his implications to the teaching practice can be positive or negative, but necessary. With this aim, the research is based on authors' studies which are references and corroborate about the importance of Supervised Internships in teacher's initial formation, and more specifically in the teaching practice in Geography and it has as a research method a autobiographical narrative as analysis device and reflection on how to construct teacher's identity, through the rescue of memories, which can be analyzed in his implications and relevances. In this process the subject is the author of the empiricist, the narrator and also the main protagonist. The result obtained through the narratives of the experiences reaffirms the importance and complexity of Supervised Internships, which should not be considered as a mere curricular component proposed by Higher Education Institutions, but as a field of knowledge that allows to work aspects that contribute to professor's formation in Geography. It is concluded that Supervised Internships are very important moments for the professional construction of Geography teachers.

Keywords: Supervised Internships. Initial formation. Teaching practice.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Norinês Panicacci. Metaforizando as narrativas de si: uma arte em prosa. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 04, p. 177-191 jan./abr.2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/download/36112328.pdf?sequencia=1>. Acesso em 9 out.2017.
- CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p. 133-152 1º semestre/2001.
- MARTINS DE ALBURQUEQUE, Maria Adailza; DE SOUSA FERREIRA, Joseane Abílio (Orgs.). **Formação, Pesquisas e Práticas Docentes: Reformas Curriculares em Questão**. CAP.:1 LEÃO, Vicente de Paula. **Os cursos de Geografia e as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica**. João Pessoa: Mídia, 2013. 496 p.
- _____. CAP.: 5 SOUZA, Vanilton Camilo. **Desafios do Estágio Supervisionado Na Formação do Professor de Geografia**. João Pessoa: Mídia, 2013. 496 p.
- _____. CAP.:4 ABREU, Silvana de. **O Estágio Supervisionado na formação do professor de Geografia: diálogos ininterruptos**. João Pessoa: Mídia, 2013. 496 p.
- _____. P.: 155-176 SILVA, Francisco das Chagas Rodrigues da. MENDES, Bárbara Maria Macedo. **Narrativas de professores de Geografia: a escrita de si como projeto de conhecimento e formação**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- Memória e formação de professores**. 2007. 310 p. (Artigo Científico) – EDUFBA, Salvador, 2007. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>. Acesso em: 05/ out. 2017.
- PASSINI, Elza Yasuko; (et al). **Prática de ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. P. 27-30 GODOI, Francisco Bueno; SAIKI, Kim; **A prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena; **Estágio e Docência**. P. 33-57. **Estágios: diferentes concepções**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVIEIRA, Ariovaldo Umbelino; (Orgs.) **Geografia em Perspectiva**. P. 221-231 KAERCHER, Nestor André. **O gato comeu a Geografia crítica? Alguns obstáculos a supercar no ensino-aprendizagem de Geografia**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PORTUGAL, Jussara Fraga. CHAIGAR, Vânia Alvez Martins (Orgs.) **Educação Geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. P.: 43-96 PORTUGAL, Jussara Fraga. **Memoriais, diários e portfólios: narrativas autobiográficas e formação docente**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- ROSA, Claudia do Carmo. O olhar dos estagiários na relação universidade e escola. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 06, n. 11, p. 381-404

jan./jun.2016. Disponível em:
<https://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/download/322/197>. Acesso em: 14 nov. 2017.

SANTOS, Maria Francineila Pinheiro. **O Estágio enquanto espaço de pesquisa: caminhos a percorrer na formação docente em Geografia**. 2012. 151 f. Tese (Doutorado em Geografia) – UFRGS, Porto Alegre, 2012. 01. Disponível em: <https://www.lumw.ufrgs.br/bitstream/Handel/10183/56848/000862066.pdf?sequência=1>. Acesso em: 11/ out. 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e prática de formação.

TONINI, Maria Ivaine; GOULART, Lígia Beatriz. (et al). **O Ensino da Geografia e suas Composições Curriculares**. P. 222-230 SILVA, Jorge Luiz Barcellos. **Quais saberes constituem um bom professor de Geografia?** Porto Alegre: UFRGS, 2011.